

Graciela Haydée Barbero

Gêneros e contemporaneidade. Uma perspectiva transgenérica*

O artigo afirma a desessencialização dos conceitos de homem e mulher favorecida pelos Estudos de Gênero, que se apoiam no conceito de identidade. Estas identidades são consideradas a partir de seu aspecto político, como conjunto de valores e estilo de vida; fora das atribuições normatizadoras e não por isso patológicas. Desde a Psicologia Social e a Psicanálise, relacionam-se os fenômenos de transformação social contemporâneos (a partir dos movimentos feministas, homossexuais e transgenéricos) e as mudanças subjetivas que revelam e propiciam.

> **Palavras-chave:** Identidades, gênero, movimentos políticos feministas, homossexuais e transgenéricos

This article treats of the de-essentialization of the concepts of man and woman, favored by gender studies based on the concept of identity. In this paper, definitions of identity are considered from their political aspect, as a set of values and life style which remain outside majority norms, without their being considered pathological. Contemporary phenomena of social transformation are related in terms of social psychology and psychoanalysis (based on feminist, homosexual and trans-gender movements).

> **Key words:** Identities, gender, feminist, homosexual and transgender political movements

A partir dos anos 1960, e particularmente dos 1970, apareceram numerosos trabalhos e pesquisas acadêmicas na área de Estudos de Gênero, que revelaram os modos de construção da subjetividade

feminina a partir da sua localização social numa cultura dita patriarcal. Mais adiante, estes trabalhos se viram acompanhados de outros onde as "masculinidades" eram problematizadas a partir de uma

*> Texto apresentado em mesa-redonda do Seminário "'Desejo e Poder'. Construir uma política homossexual para a cidade de São Paulo", em 29/6/02. Organizado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de São Paulo e o "Projeto ETC. & Tal - Psicanálise e Sociedade" e foi apoiado por numerosas entidades.

perspectiva complementar. Surgiram assim numerosas hipóteses de trabalho na articulação particular da psicanálise com os Estudos de Gênero, que contribuíram muito para compreender o sentido de sintomas e mal-estares psíquicos ligados a esta situação social. A articulação dessas teorias com a prática clínica psicanalítica não foi fácil já que, num começo, os estudos feministas acentuavam as críticas relacionadas à perspectiva freudiana da sexualidade feminina, que a identificava com um lugar faltoso que só poderia ser superado por meio da maternidade. Aos poucos as arestas foram se suavizando e os cruzamentos resultaram em desenvolvimentos estimulantes e férteis. Os "Estudos de Gênero" são realmente tributários dos estudos feministas e tomam esta denominação, principalmente, do psicanalista Robert Stoller que estudou as diferenças entre sexo e gênero, numa obra de 1968 que leva esse nome (*Sex and Gender*). A idéia básica que atravessa estas teorias é que os modos de sentir, pensar e se comportar de ambos os gêneros não têm uma base natural e invariável mas dependem das assignações ("atribuição fálica") e dos processos de identificação e de socialização primários. Assim, poderia se definir o gênero como: ... *uma rede de crenças, rasgos de personalidade, atitudes, sentimentos, valores, condutas e atividades que diferenciam um gênero do outro.*

Estas diferenças derivariam de longos processos histórico-sociais que marcaram também estes lugares com desigualdades e hierarquias concretas. O problema desta forma de conceber o gênero é seu caráter fixo e totalizador que às vezes

oculta outras determinações como raça, religião, classe social e, também, não considera a importância e a singularidade do desejo como tal.

O que realmente conseguiram os Estudos de Gênero foi uma desessencialização dos conceitos de homem e de mulher. Na Antropologia Social principalmente, ganhou-se uma perspectiva relacional, que representa os encargos da cultura para um e outro gênero de forma complementar, o que, pela sua vez, não coincide totalmente com o ponto de vista da psicanálise, que abre lugar, em Lacan por exemplo, para entender o feminino como um *suplemento* mais do que como um complemento.

Os Estudos de Gênero apóiam-se fundamentalmente no conceito de identidade. Identidade sexual e identidade de gênero têm sido discutidos e diferenciados com resultados interessantes, mas também deve-se ter cuidado em não entender estas categorias de forma rígida e normatizadora, transformando os extremos de uma polaridade em deveres iniludíveis (heterossexualidade compulsória, maternidade e paternidade como deveres, etc.) e sem que se tenha em conta o elemento político implícito nas mesmas, ou seja, o elemento de dominação que pode estar incluído na construção social dos sujeitos.

Por isso algumas feministas propõem utilizar neste contexto o conceito de *desconstrução*, que não implica na destruição dos conceitos. Nas palavras de Judith Butler, uma conhecida feminista norte-americana:

Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo ... a uma reutilização

e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas. (Butler, 1998)

Judith Butler desenvolve a idéia, em vários textos, de que o sistema dominante funciona mediante a regulação e a produção de sujeitos, sendo as categorias de identidade de gênero, normativas. Afirma que tomar a problemática do sujeito como uma problemática política não significa acabar com ele; desconstruir não seria jogar fora conceitos ou categorias mas abrir os termos a outras possibilidades de uso.

A partir desta idéia, poderemos ouvir melhor as palavras de um sujeito transexual que, em "Gênero fora-da-lei. Sobre homens, mulheres e o resto de nós",¹ diz o seguinte: "Sei que não sou um homem... e cheguei à conclusão de que provavelmente também não sou uma mulher... O problema é que vivemos num mundo que insiste em que sejamos uma coisa ou outra." No mundo contemporâneo, esta afirmação, um tanto surpreendente ainda, já não é imediatamente rotulada como desvio ou doença e nos convida – convoca – a repensar, desconstruir e reconstruir estas categorias ligadas ao patriarcado, reiteradamente questionado e evidentemente em decadência.

Desde a Psicologia Social e a psicanálise, contemplando a articulação sujeito-sociedade como central, interessa-me relacionar os fenômenos de transformação social contemporâneos e as mudanças subjetivas que propiciam, num processo dialético de mútua interpenetração. Interessa-me pensar se da confluência entre o movimento de mulheres, homossexuais e transgêneros e o trabalho teórico men-

cionado poderiam surgir, ou já surgiram, elementos que permitam vislumbrar uma forma de se pensar alternativas ao impasse que estamos vivendo em grande parte do mundo contemporâneo a partir dos sinais, cada vez mais evidentes, do declínio da figura paterna, da imagem do pai patriarcalista, ou das estruturas sociais patriarcais com seus correspondentes efeitos na subjetividade individual.

Como psicóloga e psicanalista, parto da idéia de que estaríamos errados em intervir profissionalmente no sentido da restituição do Pai, defendendo a idéia, por exemplo, de que pessoas ou casais homossexuais deveriam ser impedidos da criação ou adoção de filhos em nome da necessidade da identificação da criança com uma imagem paterna considerada "adequada", numa interpretação normativa do Édipo freudiano. Penso que devemos estar à altura de nossos tempos e aceitar como um desafio a necessidade de dar conta de uma série de fenômenos antes impossíveis de serem imaginados e muito menos elaborados, relacionados às novas formas que estão adquirindo as identidades, as práticas sexuais, os vínculos conjugais e familiares e outras instituições sociais.

Segundo Castells (2000), sociólogo espanhol contemporâneo, o patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Ele se caracteriza, diz o autor, pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar e precisa, para se desenvolver, que o mesmo princípio permeie

1> "Gender Outlaw. On men, women and the rest of us". Vintage E.E.U.U., 1995. Fonte Internet.

toda a organização da sociedade. Produção, consumo, política, legislação, cultura e relacionamentos pessoais são também marcados, dentro deste sistema, pela dominação e violência.

A base fundamental do mesmo é a família patriarcal e a figura de UM PAI que representa a lei social e o poder econômico. A reprodução sociobiológica da espécie se desenvolve por meio deste sistema fundamental e é por isso tão importante. Mas, para Castells, a família patriarcal vem sendo contestada pelos processos paralelos do trabalho feminino e da conscientização da mulher. Ele afirma que as idéias feministas, que estiveram presentes desde muito tempo atrás, agora têm frutificado pelas novas oportunidades de educação e de trabalho das mulheres e pelas transformações ocorridas nas ciências ligadas à reprodução humana, o desenvolvimento tecnológico e a cultura globalizada. Afirma também que as estatísticas mostram, no Ocidente, um aumento considerável de divórcios, de nascimentos ocorridos fora do casamento, de pessoas criando filhos sozinhas, mães solteiras, criação independente, famílias gays, etc. Salvo em alguns países, a família patriarcal estaria sendo agora somente uma das possibilidades existentes, um *estilo de vida* adotado por uma parte da população. O desfalecimento da imago paterna patriarcal é mostrado através de diferentes expressões artísticas. "Tudo sobre minha mãe", por exemplo, um filme atual do diretor espanhol Pedro Almodóvar, apresenta de forma muito interessante a ruptura do laço pseudonatural que une a imago paterna com um pai-homem-masculino. O pai, neste caso, tinha transformado seu corpo com a incorpo-

ração de grandes seios femininos, e, mesmo assim, continuava agindo de forma "machista", segundo a personagem feminina do filme que representava sua parceira. O filme mostra uma transformação permanente dos gêneros, sexualidades e corpos, ajudada pela técnica. Os referentes do sexo se trocam, a identidade sexual, a identidade de gênero, a concepção de um "verdadeiro sexo", não parecem mais importar. Fica exposta assim a pouca consistência das configurações tradicionais em relação aos sexos e gêneros. Muitos homens e mulheres das grandes cidades não escolhem mais suas parcerias segundo um modelo edípico ideal e estão inventando novos comportamentos, valores e atitudes que os guiam, mesmo que um pouco desordenadamente. Podemos pensar nisto como o começo de um momento novo na história, pelo que também aparecem reações ultraconservadoras em todas as partes, incluindo a psicanálise e os psicanalistas. Em tempos em que os modelos de identificação ficam ambíguos, há uma tendência à volta, trágica, dos valores tradicionais, e, politicamente, a situações de ordem totalitária que exageram os preconceitos existentes. Mas, vamos voltar um pouco atrás e especificar melhor quais foram os movimentos e conquistas das mulheres neste século. Esses movimentos ocorreram, no geral, dentro dos marcos de uma forte corrente política, social e depois acadêmica, que, globalmente, se conhece como Feminismo. O feminismo adquiriu diversas formas em diferentes momentos e lugares e, apesar de suas conquistas evidentes, despertou e ainda desperta fortes polêmicas entre as próprias mulheres que muitas vezes identificaram estes mo-

vimentos como um ataque à família e aos homens concretos e não a um sistema do qual todos formamos parte e sofremos as conseqüências. Houve, e ainda há, enormes confusões, desentendimentos e equívocos. Não fica clara a diferença entre feminino e feminismo, mulheres de carne e osso e papéis sociais, sexo biológico e atribuições de gênero. A oposição principal deriva talvez daquelas mulheres que não se sentem pessoalmente oprimidas, porque conseguiram alcançar individualmente, de uma maneira ou outra, os símbolos do poder masculino: sucesso profissional ou econômico, uma situação familiar fortalecedora, etc. Elas acreditam que não há mais conquistas a se fazer neste plano. Mas o problema não é pessoal. A feminilidade e a masculinidade estão sendo questionadas no plano simbólico.

O movimento feminista é extremadamente variado em suas práticas militantes e discursos explicativos. Se considerarmos o seu percurso veremos a riqueza de formas expressivas que apareceram em diferentes momentos e lugares, de forma tal a fazer-nos perguntar se existe algo de comum a todos eles que justifique a existência de um "Movimento feminista". Para o autor que estávamos comentando, Manuel Castells, este processo se caracteriza por ser "... uma continuidade descontínua" (2000, p. 212). O descontínuo faz referência, a *estilos feministas*. A pergunta sobre se o feminismo é global, ele responde que pode parecer que o movimento está fragmentado mas que nesta sociedade em rede permite a circulação dos temas feministas numa linha transversal que atravessa toda a sociedade.

Graciela Musachi (2001), uma psicanalista argentina interessada em pesquisar a re-

lação da psicanálise e dos psicanalistas com as idéias feministas, situa as origens ideológicas do feminismo na Ilustração do século XVIII, que teria se transformado no "feminismo ilustrado", que parte da idéia de que todos os seres são igualmente dotados de razão e, portanto, devem ser igualmente educados, ter os mesmos direitos civis, trabalho e oportunidades, etc. O credo liberal do século XIX teria impulsionado também as lutas feministas. Estas só posteriormente incluem preocupações relacionadas à liberdade sexual, pretensão que, por outra parte, divide desde um começo o feminismo.

As feministas, neste momento, se nomeiam radicais ou moderadas e incluem, nas suas análises e propostas, outras categorias específicas como a classe social e a raça. Houve um período de expansão deste feminismo entre os anos 1920 e 1930, que coincide com as intensas discussões psicanalíticas sobre a origem, fálica ou não, da sexualidade feminina. Depois deste momento de auge, as vozes das feministas se silenciam, assim como a polêmica Freud-Horney/Jones, que ficou abafada pelo menos durante três ou quatro décadas, até, coincidentemente, o último ressurgimento das idéias e movimentos feministas. Segundo Musachi, a reabertura do interesse psicanalítico pela questão feminina estaria relacionada, entre outras coisas, com a resposta que Lacan dera a Antoinette Fouqué, analisando sua, presidenta desde 1968 do M.L.F. (Movimento de Liberação Feminina) em Paris e fundadora nesse movimento do grupo feminista "Política e psicanálise". Fouqué afirma que o Seminário 20 de Lacan, chamado "*Mais, ainda*" (1985), teria outra forma se não fosse porque Lacan quis dar uma

resposta às feministas e mudou relativamente os conceitos sobre a pulsão para incluir, de forma clara e muito elaborada, outra forma de organização pulsional (de viver a pulsão) que corresponderia à sexualidade feminina.

O feminismo que surge nas imediações do campo freudiano começa a utilizar a psicanálise como objeto de pesquisa, ferramenta de análise e objeto de "desconstrução". Finalmente, ou, por primeira vez, as feministas começam a realizar a dificuldade de definir uma mulher se não se utiliza o critério da anatomia. Mas, a concepção freudiana de *inveja do pênis* e o conceito lacaniano de *falo* como *significante* universal do gozo era algo que as feministas não poderiam deixar passar. Por isso muitas, especialmente nos Estados Unidos, aderiram a linhas psicanalíticas mais ligadas à Psicanálise do Ego ou à Teoria das Relações de Objeto, que correspondem às tendências dominantes naquele país. Nos anos 1980 aparecem as críticas das feministas a Freud por ter abandonado a teoria do trauma como base única das neuroses, como se com isso a psicanálise negasse a ocorrência real de situações de abuso sexual infantil. Dora Kanoussi, uma autora feminista, descreve este mesmo percurso afirmando que o movimento feminista há passado, em geral, por uma primeira fase corporativa, contestatória — que coincide com uma posição teórica chamada *feminismo da igualdade* — racionalista, filha das luzes e cujas reivindicações poderiam se entender como um pedido de "O falo para todos!" (como bem pensava Freud). Estas mulheres pareciam saber o que era uma mulher e o que todas as mulheres queriam: igualdade de direitos e oportuni-

des, poder sobre seu corpo, direitos civis, etc. Porém, na atualidade, o feminismo se encontra dividido em diferentes grupos, sem poder chegar a um acordo sobre o que é uma mulher.

As feministas que pertencem ao grupo da *igualdade*, se reconhecem no conceito de *identidade de gênero* tomado da psicologia do ego. Os primeiros grupos de mulheres falavam de *rol* de gênero e de *identidade* de gênero. Amplos debates sobre a identidade se estendem ao campo do político, já que alguns consideram que quando se rejeita por completo o conceito de identidade corre-se o risco da invisibilidade do grupo ou categoria.

Algumas versões da psicanálise pretendem também que haja um verdadeiro sexo, ligado à identidade sexual. Erikson e outros culturalistas americanos, por exemplo, utilizam o termo identidade sexual como se fosse uma meta a ser alcançada, propondo um ideal heterossexual que pouco tem a ver com a teoria freudiana. O *feminismo da diferença* norte-americano rejeita a idéia um pouco biologizante da identidade de gênero. Surge assim a noção de *paródia* ou *atuação de gênero* (Judith Butler), mas ele volta a cair no essencialismo quando, por exemplo, algumas delas igualam todas as mulheres a partir de uma primeira identificação com o corpo materno que as faria "saber" o que é uma mulher. O principal é que pensam que todas as mulheres deveriam se unir mesmo num não saber o que é uma mulher, com objetivos políticos. Em síntese, nesse momento, alguns grupos giram em torno da definição de um conceito e categoria de mulher como ponto de partida para qualquer política feminista, apresentando as diferenças de

gênero como importantes, no entanto outros grupos ligados ao pós-estruturalismo rejeitam a possibilidade de definir a mulher, mas conservam a preocupação com fins políticos. O que chama atenção em ambas tendências é essa necessidade de autodefinição, como a que depois aconteceu entre os *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, que começaram a querer transformar uma categoria (negativa e atribuída, associada a uma sexualidade dita desviada e a uma forma de vida não tradicional) numa identidade positiva ligada a uma construção de ideais e novas formas expressivas e não à aplicação de normas impostas, parcialmente inconscientes.

Assim, as reivindicações feministas que exigiam igualdade produziram rivalidades ou guerras entre os sexos e derivaram na produção de "*mil feminismos*" e de mudanças na vida e pensamento de muitas mulheres que nunca ouviram falar de feminismo.

As múltiplas identidades² femininas ligadas a esses grupos não condizem com um universal identitário, rígido e essencialista funcionando como ideal superegóico, identitário ou sexual, que seria, neste caso, mais possivelmente um sintoma (o Édipo como sintoma) e não permitiria a criação de comunidades baseadas em diferentes "estilos feministas" que pretendem guiar-se por regras de ação e pelo mais precioso que cada um tem de si, favorecendo um estilo de vida diferente, diversos caminhos singulares que surgem no todo do social.

Nos anos 1980 as mulheres estão menos radicais, um pouco assustadas com o alcance dos acontecimentos e se opõem ao que vêem como um ataque à família e aos homens. Surge uma nova imagem feminista: a mulher independente, apaziguada com o sexo oposto. É neste momento que o feminismo vira um assunto de estudos universitários, dentro dos Estudos de Gênero.

Depois dos anos 1990, podemos dizer que estamos num momento de reavaliação, de lutas contra a exploração do corpo da mulher na publicidade, e, nos Estados Unidos principalmente, de luta contra a pornografia e a aparição do movimento juvenil, as *bad girls*. No Brasil, o assunto se populariza, aparece em novelas, revistas femininas e todo tipo de publicações, banalizando a questão (programas como "Você decide", novelas, etc.).

Neste momento há uma crise generalizada dos valores tradicionais em relação à feminilidade e à masculinidade. O intenso debate sobre as novas tecnologias reprodutivas tem acentuado novamente as perguntas sobre o que é ou o que quer um mulher já que as mesmas atingem diretamente o cotidiano de todas as pessoas, liberando-as de algumas necessidades e obrigações sociais, mas também fazendo que se percam anteriores sentidos e significações culturais nesse respeito.

Para terminar, gostaria de citar alguns trechos de um texto denominado "Algumas palavras transgenéricas em torno à transexualidade", do Licenciado Mauro Cabral, que fora apresentado num encon-

2> "Identidades" conscientes e auto-atribuídas, que não coincidem com o conceito psicanalítico de identificação.

tro do "Centro de Investigación y Asistencia do Grupo Nexo Asociación Civil", na Argentina, em 1999.³

Para a maior parte das pessoas o gênero não é uma questão, já que ele pertence a essa ordem de coisas que simplesmente estão aí, que formam parte intrínseca da realidade, prediscurtivamente, como uma das verdades naturais mais invisíveis a força de onipresente. Todo mundo é homem ou mulher.

À simples vista, aparece como uma sorte de extensão dos corpos, bem diferenciados, de fêmeas e machos biológicos que operam como superfície de inscrição natural das configurações históricas que há adotado e adota o gênero, quer dizer, das formas sócio-históricas do ser homem ou ser mulher, os dois modos possíveis que o sistema de gêneros institui.

... Mas há algumas pessoas que, movidas por estranhos impulsos, adaptam ou pretendem adaptar seu corpo ao que concebem como sua identidade verdadeira, adaptação que tem lugar na ordem do gênero. Desde a metade do século passado a passagem "trans" é uma realidade vinculada aos desenvolvimentos da ciência e da técnica, legalizada de formas diferentes nos diferentes países. A ciência dá, mas também governa....

... As narrativas destas passagens não são homogêneas, não há estereótipos, a transexualidade não é uma restituição do gênero verdadeiro nem uma cura radical da homossexualidade como às vezes se chegou a pensar. Sob a categoria "trans" é possível encontrar formas muito diferenciadas de corpos, experiências e narrativas. Muitas se ajustam às idéias mais gerais, mas muitas outras não. Haveria algo como uma transexualidade clássica, de passagem completa, restituição binária, heterossexualidade e invisibilidade pós-transi-

cional, que tem como meta final a integração ou reintegração como homens ou mulheres num mundo habitado por homens e mulheres, excludentemente. Mas há outro modo de encarar a passagem "trans" como autoconstrução, como desejo de si, não ajustado a um cânon necessário de corpo, gênero e sexualidade: é a *perspectiva transgenérica*, que significa viver gêneros, sexualidades e corporalidades como instâncias não necessárias, mas abertas a possibilidades múltiplas e fluidas, não como restituição nem como identidade postulada num sentido de correspondência genérico ideal mas efeito de um sistema de gêneros aberto, não bipolar, aleatório, rizomático, contingente...

... e certamente inquietante.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.
- CASTELLS, Manuel (1996). O poder da identidade. In: *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, v. II.
- LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MUSACHI, Graciela. *Mujeres en movimiento. Eróticas de un siglo a outro*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

Artigo recebido em janeiro/2003

Aprovado para publicação em abril/2003

3> Texto recebido por e-mail.